

A mulher no mercado de trabalho: no Município de Horizontina

Glademir Elisiane Bialas Jagnow¹

Vonia Engel²

Resumo

A mulher sempre teve um papel importante, sendo com cuidado com lar e a criação dos filhos, contribuindo no processo de transformação da sociedade como um todo. Com a falta de mão de obra a conquista da mulher por um espaço no mercado de trabalho teve início com a I e II Guerras Mundial, quando os homens foram para os campos de batalha e as mulheres passaram a tomar frente à posição que os homens exerciam no mercado de trabalho. Foi nesse momento que as mulheres sentiram-se na obrigação de conciliar os afazeres da casa, os cuidados dos filhos para levar adiante os projetos e o trabalho que eram realizados pelos seus maridos. Sua contribuição atual é cada vez maior em virtude da sua evolução na inserção da mulher no mercado trabalho formal, assim ocupando os mais diversos setores de trabalho, esta inclusão se torna importante na contribuição da renda família.

Palavras-chave: Mulher, Mercado de Trabalho, A evolução.

INTRODUÇÃO

A história da conquista das mulheres por um espaço no mercado de trabalho intensificou-se no século XX. Elas deixaram de exercer apenas as rotinas do lar, enquanto o mercado de trabalho era uma função extremamente masculina. Entretanto, existiu a necessidade de as mulheres passarem a contribuir na renda da família. Por este motivo iniciaram a se infiltrar no mercado de trabalho.

¹ Estudante do curso de Ciências Econômicas da Faculdade Horizontina (FAHOR).
Gb000937@fahor.com.br.

² Professora da Faculdade Horizontina (FAHOR). Economista, Especialista em Comunicação Empresarial, Mestre em Desenvolvimento Regional. voniam@fahor.com.br

As mulheres, com muito sacrifício e força de vontade, vão galgando posições no mercado de trabalho. De forma compassada, estas conseguiram conquistar um lugar no mercado, demonstrando suas habilidades e conhecimento nos mais diversos setores de trabalho.

As transformações que atingem o mercado de trabalho feminino vêm se alterando a participação na atividade econômica que se intensificou a partir da década de 1970, com a expansão da economia e acelerado processo de industrialização e urbanização. Demandando um maior número de mão de obra, se deu o aumento na inserção da mulher no mercado formal.

No decorrer da história na sociedade moderna, devolveu-se uma divisão de trabalho entre homens e mulheres, o que privilegiou o gênero masculino no setor produtivo, ficando as mulheres limitadas às funções secundárias, voltados para as atividades domésticas (STEIN, 2004).

Esta inserção se deu através de um aumento na relação entre a oferta e a procura de mão de obra no mercado formal, o surgimento e as condições dessa inclusão.

Conforme SEN (2000) a mulher tem potencial para auferir uma renda independente, encontrar emprego fora de casa, ter direitos de propriedade, ser alfabetizada e participar como pessoa instruída nas decisões dentro e fora da família.

Reforçando esse argumento, os dados Ministério do Trabalho e Emprego (MTE, 2013), dando conta de que o estoque de empregos femininos no Brasil com carteira assinada, 2010 era de 18,3 milhões de postos de trabalho e 2011 obteve um crescimento de 5,93% alcançando 19,4 milhões.

As mulheres permanecem conquistando cargos de maior importância no mercado de trabalho. A exemplo disso a própria presidenta do país é uma mulher, o que dá respaldo para as demais buscarem os seus espaços dentro dessa sociedade. A diferença na média salarial no Brasil está diminuindo nas últimas décadas comparadas com o início da sua trajetória. Segundo Pompeu (2006), ainda existe uma diferença considerável entre homens e mulheres em relação aos salários pagos. Apesar da evolução, percebe-se que ainda há uma lacuna, um espaço a ser conquistado em um mundo competitivo.

Assim, elas entraram na competitividade das profissões que exige formação educacional e desempenho no trabalho, até então de domínio

exclusivo dos homens. Os registros do MTE revelam que houve crescimento da participação da mulher no mercado de trabalho com carteira assinada.

No Brasil, o total de trabalhadoras é de 19.402.272, já no Estado do Rio Grande do Sul o total de trabalhadoras formais são 1.306.155 e no município de Horizontina o total de trabalhadoras no mercado formal é de 2.143 (RAIS, 2013).

Nesse contexto, o presente estudo busca contribuir com dados e pesquisas que mostra a inserção e evolução da mulher nas ocupações do mercado de trabalho formal no Município de Horizontina. Para que, essas informações possam ser utilizadas pelas empresas do município e da região e também pelas próprias mulheres, como forma de quebrar paradigmas em relação às profissões atualmente ocupadas no município de Horizontina.

O trabalho está dividido em dois capítulos, além da introdução e da conclusão. No primeiro capítulo é apresentado um breve relato histórico da inserção da mulher no mercado de trabalho brasileiro, e sua organização e evolução com o passar dos anos. No segundo capítulo, apresenta-se o mercado de trabalho formal feminino do município de Horizontina. O enfoque principal, contudo, recairá sobre o período de 2000 a 2010.

Nesse contexto, o presente estudo tem como problema de pesquisa investigação da seguinte questão: Identificar e analisar como evoluiu a inserção da mulher nas ocupações do mercado de trabalho formal no Município de Horizontina nos períodos de 2000 a 2010 e sua influência na renda familiar?

A concretização deste estudo realizou-se com base nos objetivos estabelecidos no projeto de pesquisa. O objetivo geral analisar como evoluiu a participação da mulher nas ocupações do mercado de trabalho formal no Município de Horizontina, Rio Grande do Sul no período de 2000 a 2010 e a influência na renda familiar.

Para que o objetivo geral seja atingido, têm-se os seguintes objetivos específicos:

- a) Verificar a evolução da ocupação feminina no trabalho formal;
- b) Apontar o número de empregos formais segundo gênero e grau de instrução;
- c) Comparar esses dados com a evolução do Brasil, Rio Grande do Sul e Município de Horizontina no período de 2000 a 2010;

- d) Analisar as causas desta evolução mostrando as diferenças entre as diversas ocupações;
- e) Analisar a inserção da mulher nas diversas ocupações formais dos setores econômicos do Município de Horizontina.

1.1 Fundamentos Teóricos do mercado formal de trabalho

Para compreender como funciona este mercado, Chahad (2006) parte do conceito de que é a relação entre a oferta e a procura de trabalhadores, e o conjunto de pessoas ou empresas que, em época e lugar determinado, provocam o surgimento e as condições dessa inclusão.

No entendimento de Chahad (2006) o mercado de trabalho inicialmente necessário e classifica a população segundo a atividade econômica que cada um exerce. Para delimitar o mercado de trabalho, deve-se partir da noção de atividade econômica, um conceito marcado por dificuldades em se definir e, quando isso ocorre, verificam-se situações ambíguas.

É possível, entretanto, conceituar a denominada força de trabalho ou População Economicamente Ativa (PEA), que, em última instância, representa os elementos que irão constituir o mercado de trabalho o qual, por sua vez, abastece as empresas no que diz respeito à necessidade de mão de obra.

Entende-se por PEA o conjunto de elementos empregados e desempregados, num certo momento e, captado por um inquérito estatístico, com base na definição de atividade econômica dos indivíduos. A PEA é um subconjunto da população em idade ativa (PIA) (CHAHAD, 2006, p.382).

De acordo com o IBGE (2013), População Economicamente Ativa (PEA), é composta pelas pessoas de acima 10 anos de idade que são divididas em dois grupos:

População economicamente ativa: corresponde soma total de mão de obra em um país que pode ser contratada nos setores produtivos, ou seja, a população ocupada e desocupada. A ocupada pode se classificar em:

- a) Empregador: são pessoas que trabalham em seu próprio empreendimento com no mínimo um empregado.
- b) Trabalhador por conta própria: é pessoa que trabalha em seu próprio empreendimento ou com um sócio, sem ter empregados.
- c) Empregado: é a pessoa que trabalha para um empregador, podendo ser uma pessoa física ou jurídica.
- d) Trabalhador não remunerado: é a pessoa que trabalha sem remuneração durante pelo menos uma hora por semana.

e) A população desocupada: são pessoas que não têm nenhum tipo de trabalho, mas que estão dispostas a trabalhar.

População não economicamente ativa: são as pessoas em idade ativa, classificadas como não ocupadas ou desocupadas. São aquelas pessoas que nunca trabalharam e desistiram de procurar emprego.

1.2 Condições Históricas sobre a Mulher no Mercado de Trabalho

A conquista da mulher por um espaço no mercado de trabalho começou no início do século XX, quando a sociedade ainda acreditava que o homem era o único provedor das necessidades da família, tendo à mulher a função de mantenedora do lar e educadora dos filhos.

Para Araújo (2004), a conquista da mulher por um espaço no mercado de trabalho teve início com a I e II Guerras Mundiais (1914-1918 e 1939-1945, respectivamente), quando os homens foram para os campos de batalha e as mulheres passaram a tomar frente à posição que os homens exerciam no mercado de trabalho. Após o término da guerra, muitos homens haviam perdido a vida nas batalhas em favor dos seus países. Foi nesse momento que as mulheres sentiram-se na obrigação de conciliar os afazeres da casa, os cuidados dos filhos para levar adiante os projetos e o trabalho que eram realizados pelos seus maridos.

Durante o fim do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, a consolidação do sistema capitalista, ocorreram inúmeras mudanças no processo produtivo com o crescente processo da urbanização e industrialização. Com isso provocara-se mudanças significativas nas estruturas econômicas, sociais e políticas da sociedade brasileira. Com a crise do sistema agrário-exportador, muitos trabalhadores do campo migraram para as cidades em busca de trabalho. O equilíbrio do sistema capitalista refletiu diretamente na vida das mulheres, que passaram a ser vistas como mão de obra em potencial, tanto nas terras como trabalhadoras diárias quanto nas fábricas como operárias. “Esta incorporação definitiva para as mulheres no processo produtivo não significou uma conquista de igualdade nas relações entre homens e mulheres” (MÉNDEZ, 2005, p. 58).

Este aumento da inserção das mulheres na força de trabalho no Brasil ocorreu de forma desigual, reproduzindo no mercado de trabalho as desigualdades de gênero que perpassam o conjunto da sociedade, apesar dos avanços na qualidade de inserção das mulheres a existência discriminatória entre o gênero nas relações laborais (MARQUES et al., 2005).

Reforça Stein (2004) que, no decorrer da história da sociedade moderna, desenvolveu-se uma divisão de trabalho entre homens e mulheres, que privilegiou o gênero masculino no setor produtivo, ficando as mulheres

limitadas às funções secundárias. Tendo em vista que seu papel prioritário deveria ser o de mãe, voltado para as atividades domésticas.

Complementa Kon (2006) que, na divisão sexual do trabalho, além do cotidiano dos afazeres do lar, era atribuída às mulheres o papel de contribuidora à reprodução biológica da força de trabalho na procriação de filhos. Assim, esses filhos se converteriam em mão de obra, contribuindo no processo de manutenção e reprodução da força de trabalho; no caso específico das mulheres, no exército industrial de reserva do mercado de trabalho.

Probst (2005) ressalta que pouco a pouco as mulheres foram ampliando seu espaço no mercado e economia nacional. Deixaram de só trabalhar no lar e ingressando no mercado, um fenômeno ainda lento, mas constante e progressivo, que passa de informal para trabalho formal, contribuindo ainda mais na renda da família.

1.2.1 A Mulher no Mercado de Trabalho formal

Na atualidade, a mulher Brasileira foi galgando posições no mercado de trabalho. Devido à inserção das mulheres no mercado de trabalho, a sociedade passou por alterações significativas nas últimas décadas. Conforme Marques et al (2001) houve um rompimento de barreiras importantes, como educacional, reprodutiva e ocupacional. Com isso ampliou-se a sua participação em diferentes instâncias da vida na sociedade.

As mulheres passaram de geradoras de vida para ocuparem toda a sociedade com um papel de desenvolvimento na economia norteando cada um dos pilares do desenvolvimento social a partir de ocupação de postos de trabalho (ROUSSEFF, 2013).

Madalozzo (2011) ressalta que o papel da mulher na sociedade nas últimas décadas foi marcante devido ao aumento constante do trabalho da mulher no mercado.

Para Martins (1981), essa evolução da mulher como força de trabalho, atravessa três fases:

No primeiro momento, com a abertura da industrialização, o nível de participação da mulher no mercado de trabalho é elevado em virtude do número de empresas manufatureiras e comerciais, limitadas à esfera doméstica, ser bastante significativo;

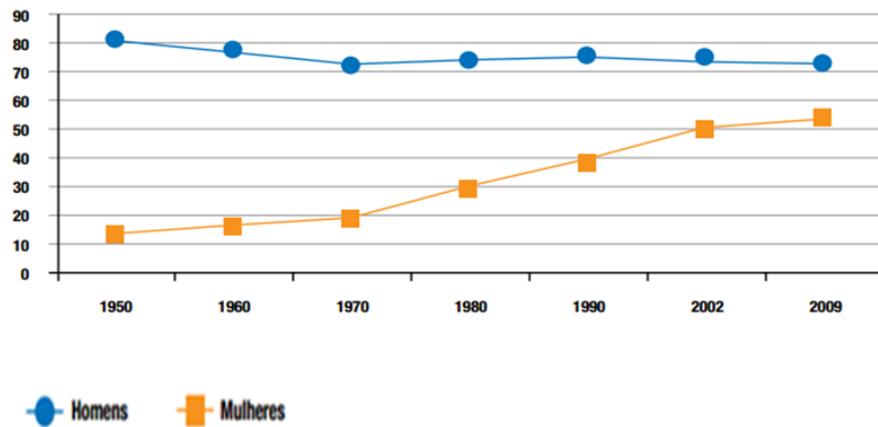
Em segundo momento, o desenvolvimento econômico, forçado pelo aumento do número das indústrias de transformação, induz um grande número de pessoas a abandonarem os seus pequenos negócios e suas fabricações caseiras, como também, provoca uma migração de áreas rurais para áreas

urbanas, reduzindo, assim, a participação da força de trabalho feminina em atividades produtivas;

Deste obtém-se, então, um crescimento no setor de serviços, onde a participação da mulher é expressiva, caracterizando-se, assim, um terceiro momento, o qual reflete transformações profundas em relação à inserção.

Deste modo podemos constatar esta evolução no mercado, através da figura 1 que apresenta a evolução da participação dos homens e das mulheres no mercado de trabalho brasileiro de 1950 a 2009.

Figura 1: Evolução da participação de homens e mulheres no mercado de trabalho brasileiro de 1950 a 2009.



Fonte: Walmart Brasil, elaborado com dados Estatística do Século XX e PNAD, 2011.

O aumento na participação das mulheres força de trabalho na década de 1960 e 1970 para Perreira et al. (2005), se deu devido à mudança de valores culturais, decorrentes dos movimentos políticos e sociais, que tiveram como consequência a maior escolarização das mulheres, inclusive nas carreiras universitárias.

Madalozzo (2011, p. 8) mostra através da figura 1 que a entrada “maciça de mulheres na força de trabalho se deu durante a Segunda Guerra Mundial, face à escassez de mão de obra no período” Ressalta que no Brasil, até a década de 1970, menos de 20% das mulheres participavam do mercado de trabalho.

Já Guedes e Alves, (2004) destacam que o momento histórico no marco do início da expressiva entrada feminina no mercado de trabalho foi nos anos chamados milagre econômico (1968-1973) e da marcha forçada (1974-1979) estimulavam a economia brasileira, através de diferentes situações de inserção das mulheres.

De acordo com Kon (2006) entre alguns dos fatores determinantes dessa maior participação feminina estão causas originadas tanto pela demanda

quanto da oferta de trabalho. Dentre os fatores de demanda por trabalho, salientam-se três aspectos principais. a) O aumento da demanda por Mão de obra crescente a cada período nos setores de bens e serviços, embora esteja mais sujeita as flutuações dos ciclos econômicos. b) O aumento setorial na demanda por trabalho, devido à evolução das economias, que levou a necessidade de nova especialização e tipos de ocupação nos diferentes setores de trabalho. c) A elevação da escolaridade feminina, que transformou grande parte de mão de obra não qualificada em qualificada, assim permitindo uma maior absorção das mulheres nos processos industriais mais complexos.

Ainda conforme Kon (2006) os fatores que influenciam a oferta de trabalhadores, são considerados determinantes que resultam em variações na curva de oferta.

- a) A mudança tecnológica, que apresenta dois aspectos: a maior disponibilidade de substitutos de produtos não mercantilizados ou domésticos por produtos de mercado a preços baixos;
- b) As mudanças na composição da família, que podem afetar a decisão de oferecer trabalho no mercado.

Para Sen (2000) a mulher influencia em variáveis, como potencial das mulheres em conquistar uma renda independente, encontrar trabalho fora de sua residência, ter direitos de propriedade, ser alfabetizadas e participar como pessoa instruída nas decisões dentro e fora da família.

A participação feminina aumentou expressivamente no mercado de trabalho brasileiro. Em 1979 representava 31,7% População Economicamente Ativa (PEA), sendo que 1999 estavam representando 41,4%. Esse ingresso veio associado a transformações nas relações familiares e conjugais. Pois como exemplo, o número de famílias chefiadas por mulheres encontra-se em constante aumento. No ano de 1989 representavam 20,1%, em 1999 chegou aos 26% (ARROIO e RÉGNIER, 2002).

Esse aumento das mulheres no mercado de trabalho para Perreira et al. (2005), se deu devido à estagnação econômica, elevada inflação e mudança na estrutura do emprego vivido no Brasil na década de 1980. Essa maior participação no mercado era na tentativa de evitar o empobrecimento das famílias.

Com a inflação mais elevada e a persistência das mulheres com seu engajamento mais forte na força de trabalho durante a década de 1980, apesar dessa entrada no mercado de trabalho tenha sido motivada pela crise inflacionária, ouve a necessidade da mulher contribuir com o orçamento da família (MADALOZZO, 2011).

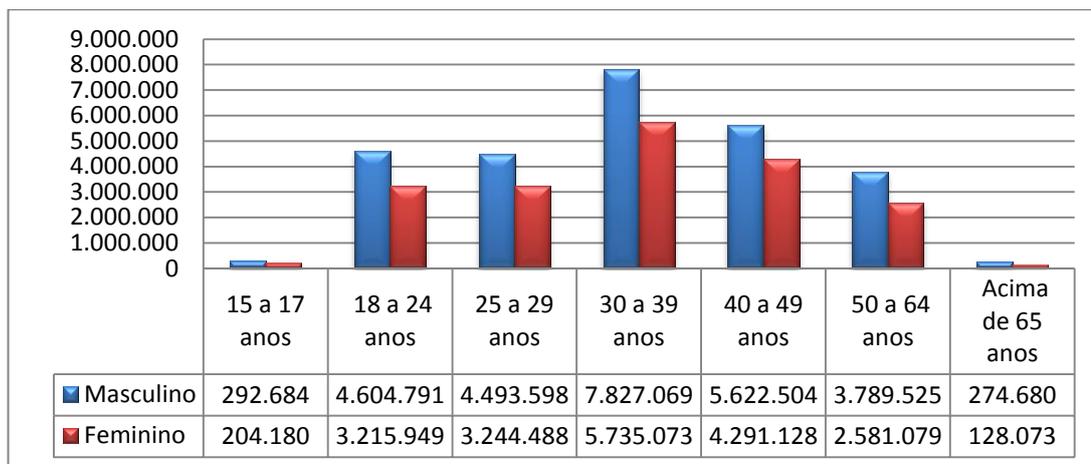
Neste período os principais setores de ocupações das mulheres no mercado de trabalho se intensificaram nos serviços burocráticos e ligadas a trabalhos de serviço doméstico em domicílios ou em empresas (KON, 2006).

Ressalta Madalozzo (2011) que foi com o fim do período de alta inflação, ao longo das décadas de 1990 e início dos anos 2000, que a cultura da participação da mulher no mercado persistiu, assim ocorrendo um aumento ainda maior na participação das mulheres no mercado, sendo em 2009 supera os 50%.

Segundo Pompeu (2007, p.35) a mulher está assumindo liderança no mercado de trabalho, “a diferença a mais da média salarial nos homens do Brasil, em relação à das mulheres, tem diminuído cada vez mais rapidamente nas últimas décadas” A vantagem masculina no País era de 50% nos anos 1990, mas em março de 2006, esta diferença se tinha reduzido para 30%. Segundo o autor, os dados são do Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher, que lançou o relatório “O Progresso das Mulheres no Brasil”.

Pohl (2007, p. 96), o trabalho feminino na atualidade como necessário para o aumento significativo na última década, “em um cenário marcado pela reestruturação produtiva, decorrente da globalização competitiva e paralelo a avanço tecnológico que ocasionou sérios problemas na oferta de empregos”, gerando redução nos postos de trabalho em setores formais e na flexibilização das relações de trabalho.

Figura 2: Estrutura etária do número de empregados formais em 2011 no Brasil.



Fonte: Elaboração própria com base de dados RAIS/ MTE, ano 2013.

*Cabe ressaltar que foram excluídas as informações de 10 a 14 anos e o item ignorado.

De acordo com Serpa (2010) ainda existem muitas mulheres fora do mercado e que trabalham cuidando dos filhos e de afazeres de casa, mas cada vez é mais crescente a quantidade de profissionais do sexo feminino que disputam, em condições de igualdade sendo muitas vezes superior, em determinados espaços no campo social, econômico e político. O que isso denota uma postura atuante, não apenas pelos seus próprios esforços, mas também pelas exigências do mundo moderno, que obrigou os homens a

abrirem mão de sua atitude dominadora e caminharem no sentido de uma parceria indispensável e enriquecedora.

Segundo dados MTE (2013), o estoque de empregos femininos no Brasil com carteira assinada, 2010 era de 18,3 milhões de postos de trabalho e 2011 obteve um crescimento de 5,93% alcançando 19,4 milhões.

Tabela 1: Número de empregados formais, classificado por setor em 2011 no Brasil.

Setor de trabalho no Brasil	Masculino	Feminino	Total
1 - EXTR MINERAL	205.554	25.835	231.389
2 - IND TRANSF	5.593.167	2.520.638	8.113.805
3 - SERV IND UP	338.060	74.681	412.741
4 - CONSTR CIVIL	2.531.664	218.509	2.750.173
5 – COMERCIO	5.052.411	3.790.266	8.842.677
6 – SERVICOS	8.199.737	7.172.718	15.372.455
7 - ADM PUBLICA	3.754.722	5.348.879	9.103.601
8 – AGROPECUARIA	1.233.044	250.746	1.483.790
Total	26908359	19402272	46310631

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados RAIS/ MTE, 2013.

Conforme declara Kurzawa (2003, p.5), “a mulher vem ocupando cargos em todos os setores produtivos e de gestão, auxiliando de forma efetiva no desenvolvimento estadual e nacional e participando do processo de planejamento e execução de governo democrático”.

Uma pesquisa realizada para verificar o que atrapalha a carreira das mulheres a chegar ao topo profissional, a cargos de gerente executivo corporativo sabendo que este é o caminho mais alto do escalão Pati (2013). No Brasil apenas 14% das mulheres estão em cargos de alto escalão. O resultado disso é que no Brasil, entre as 250 maiores empresas, apenas 9 são chefiadas por elas. Para tentar compreender os motivos por que a **carreira** das mulheres não decola na mesma velocidade que a dos homens, a Bain & Company entrevistou 514 profissionais, sendo 42% gerentes sêniores ou executivos. Na pesquisa, foi perguntado a eles o fato de haver poucas executivas no topo da hierarquia das empresas. Os resultados da pesquisa são os seguintes:

- a) Conflito de prioridades; no que diz respeito como um dos principais fatores que barram a ascensão profissional das mulheres o fato de

elas abrirem mão de parte da progressão na carreira, dão prioridade à família, elas são mais preparadas para cuidar da família do que os homens.

- b) Diferenças de estilo; as mulheres acabam ficando para trás devido ao fato de que alguns líderes homens não valorizam as diferentes perspectivas que elas trazem para as equipes, assim eles indicam ou promovem profissionais que tenham estilo semelhante ao seu.
- c) Ambiente corporativo; às barreiras que impedem as mulheres de chegarem aos cargos mais altos, são por que elas têm menos experiência e background necessários, além de outras grandes barreiras que existem para a progressão das mulheres é o preconceito.

Tratando se de cargo de presidência, as mulheres no mundo não chegam a 10%, no Brasil elas representam 3%. Isso se dá na escolha que elas fazem na origem da carreira profissional (MARI 2013).

Figura 3: Executivas em altos cargos e mais preparadas.



Fonte: Você S/A, 2013.

A chegada em peso das mulheres no mercado de trabalho foi a principal transformação demográfica que o país conquistou nos últimos anos. É um movimento muito elevado que alguns pesquisadores dessa tese de ser a feminização da economia. As mulheres acima de tudo obtiverem grande

presença no espaço público devido investimentos em educação. Atualmente elas estão bem mais preparadas, tem mais anos de estudo que o sexo masculino, para atuar em diversas áreas.

As *mulheres* se preparam mais e se destacam em carreiras antes dominadas por homens. A competição vai aumentar muito se elas não saírem do jogo antes da hora (RESCHKE et al., 2013 p. 28).

Figura 4: Comparação da participação das mulheres em diversos setores de trabalho, 2000 e 2010 em %.



Fonte: Você S/A, 2013.

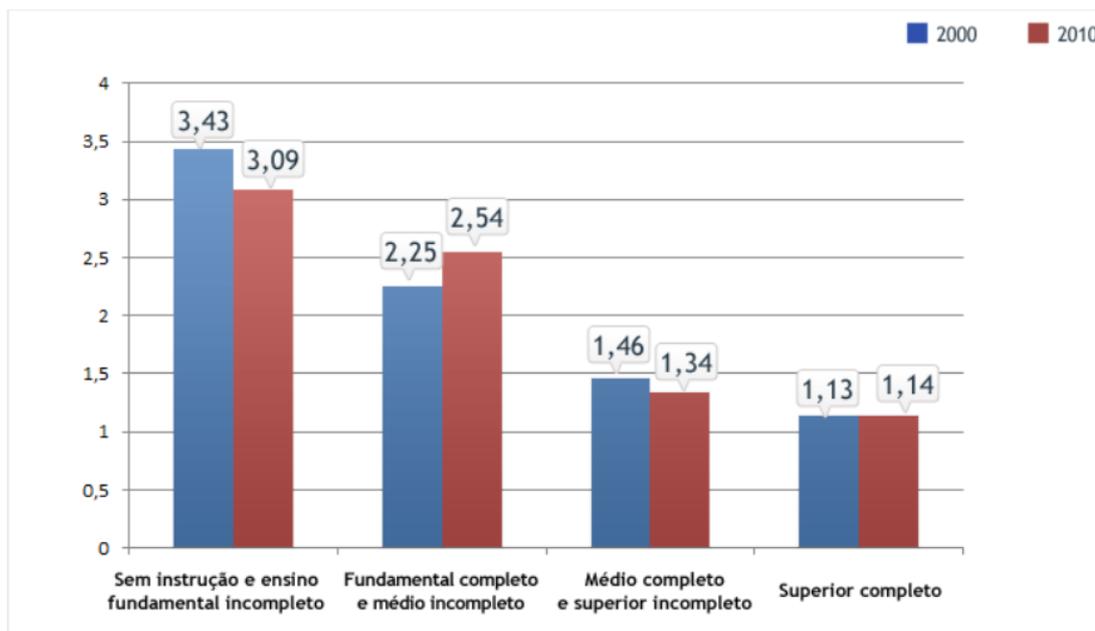
Ainda ressalta que são poucas as mulheres na área de exatas, sendo esta uma carreira de conhecimento que ajuda muito no mundo corporativo, é um passo importante para eliminar as barreiras que ainda persistem no caminho da inclusão do mercado feminino.

“As mulheres tendem a se concentrar em áreas ligadas ao cuidado, como pedagogia e enfermagem, e exercem papéis de suporte dentro das empresas, como psicologia e comunicação diz Regina Madalozzo pesquisadora do Insper, de São Paulo” (RESCHKE et al, 2013, p.32).

A entrada feminina no mercado de trabalho brasileiro tem passado por um processo contínuo e diversificado. Impulsionando pela necessidade de participar na manutenção da renda familiar ou simplesmente pela realização profissional, a força do trabalho feminina alterou as características do mercado

de trabalho e também a composição familiar (GARCIA, L. S. e CONFORTO, E. 2012).

Segundo a pesquisa do IBGE no censo demográfico de 2010, indica que nas últimas décadas, observou-se uma significativa elevação do nível de instrução das mulheres no Brasil, com isso a quantidade de filhos que a mulher brasileira tem está diretamente relacionada ao tempo de estudo. O número de descendentes quase triplica na comparação entre mães que fizeram faculdades e as que não terminaram o ensino fundamental, segundo estudo divulgado pelo IBGE. Mulher que termina faculdade tem em média 1,14 filhos, contra 3,09 das mães sem ensino fundamental em 2010.



Número de filhos cai de acordo com tempo de escola da mulher.

Fonte: IBGE

As mulheres com ensino superior completo tiveram em 2010, em média, 1,14 filho, as mulheres sem instrução e com ensino fundamental incompleto 3,09. A quantidade de filhos, porém, já diminuiu, porque, no ano 2000, cada mulher sem instrução tinha 3,43 descendentes. Entre mulheres com faculdade, a média era de 1,13.

Em 2010, a média de filhos das mulheres com ensino fundamental completo e médio incompleto era de 2,54. Já entre as mulheres que terminaram o ensino médio e não completaram a faculdade, a marca já caiu para 1,34 descendente por mãe.

Considerações

A partir de todo o contexto apresentado, faz aumentar a curiosidade em entender o mercado formal de trabalho das mulheres no município de Horizontina. Para entender, ou melhor, lucidar este cenário vai ser aplicado um

questionário junto a 290 mulheres deste município, para a partir desse tentar trazer a luz questões como: Grau de escolaridade, para avaliar até que anos essas mulheres estudaram, setor de trabalho para analisar quais são os setores que concentram as mulheres de Horizontina, por que escolheram essa carreira para verificar se foi por oportunidade interesse necessidade, falta de outra oportunidade etc, quais foram as motivações que levaram a se inserir no mercado de trabalho, se a renda é a responsável por manter as finanças da famílias, essas e outras questões serão trabalhadas dentro da Monografia II as mesmas serão tabuladas analisadas para avaliar o mercado formal de trabalho das mulheres do município de Horizontina.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Luis César G. de. **As mulheres no controle do mundo**– elas têm influência em todas as esferas, da política à comunicação. Forbes Brasil, São Paulo, set. 2004.

ARROIO, A.; RÉGNIER, K. **Mercado de trabalho: oportunidades e desafios para o presente.** 2002. Disponível em: <http://www.senac.br/informativo/BTS/272/boltec_272d.htm>. Acesso em: Abr.2013.

CHAHAD, JOSÉ P. Z. In: **Manual de Economia.** 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

GARCIA L. DOS S.; CONFORTO, E. **A Inserção feminina no mercado de trabalho brasileiro e renda familiar,** 2012. Disponível em: <<http://www.fee.tche.br/sitefee/download/jornadas/2/h7-03.pdf>> Acesso em: Abr.2013.

GUEDES, Moema de C.; ALVES, José E. D. **A população feminina no mercado de trabalho entre 1970-2000: particularidades do grupo com nível universitário.** In: XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, Caxambú-MG, 20 a 24 de Set 2004. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/site_eventos_abep/PDF/ABEP2004_116.pdf>. Acesso em: Abr.2013.

IBGE. **Conceitos Principais.** Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme/pmemet2.shtm>>. Acesso em: Abr.2013.

KON, Anita. **Segmentação e informalidade do trabalho nas empresas, em uma perspectiva de gênero.** In Mulher e trabalho/ FEE;FGTAS/ SINE-RS; DIEESE; SEADE-SP;FAT-V.6 –Porto Alegre, 2006.

KURZAWA, LUCIANE L. P. **O Papel da Mulher na Gestão Pública.** Artigo. 2003. Disponível em:<<http://www.sefaz.ms.gov.br/age/artigostec/artigoluciane.pdf>>. Acesso em: jun. 2013

MADALOZZO, Regina. **Mulheres um Diagnóstico da Participação Feminina na Economia Brasileira**. In: Rev. Walmart Brasil, mar. 2011. Disponível em: <<http://www.ruscheleassociados.com.br/pdf/walmulheres.pdf>>. Acesso em: Abr. 2013.

MARI, Julia de. **A educação faz a diferença**. Você S/A. 179 ed. Abr. 2013.

MARQUES, E. K.; GALEAZZI, I. M. S.; GARCIA, L. S.; KRELING, N. H. **Conjunturas desfavoráveis consolidam o perfil feminino do desemprego na Região Metropolitana de Porto Alegre**. In: Mulher e Trabalho, Porto Alegre, FEE, FGTAS/SINE, 2004.

MARQUES, E. K.; GALEAZZI, I. M. S.; TONI, M.; KRELING, N. H. **Novos arranjos familiares: ampliação da inserção laboral feminina e seus impactos sobre a renda das famílias**. In: Mulher e Trabalho, Porto Alegre, FEE, FGTAS/SINE, V5. 2005.

MARTINS, Maria Lúcia. **Trabalhadoras: um time de reservas**. Revista Indústria & Produtividade, v. 143, n. 13, mar. 1981.

MÉNDEZ, Natalia Pietra. **Discursos e práticas do movimento feminista em Porto Alegre (1975-1982)**. Porto Alegre: PPGH/UFRGS, 2005.

MTE. **RAIS e Caged indicam crescimento da participação da mulher no mercado de trabalho**. Disponível em: <<http://portal.mte.gov.br/imprensa/cresce-a-participacao-da-mulher-no-mercado-de-trabalho/palavrachave/mercado-de-trabalho-rais-mulheres-crescimento-das-mulheres.htm>> Acesso em: abr. 2013.

PATI, Camila. **O que atrapalha a carreira das mulheres, segundo executivos**. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/carreira/noticias/o-que-atrapalha-a-carreira-das-mulheres-segundo-executivos?page=2>>. Acesso em: jun. 2013.

PEREIRA, R. S.; SANTOS, D. A.; BORGES, W. **A Mulher no Mercado**. II Jornada Internacional de Políticas Públicas, São Luís- MA, 23 a 26 ago. 2005. Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinppII/pagina_PGPP/Trabalhos/EixoTematicoD/321waleska_Rosangela_Danielle.pdf>. Acesso em: jun. 2013.

POHL, Hildegard H. **Sociabilidade operária: AS influencias do trabalho industrial na perspectiva de gênero**. Santa Cruz do Sul, abr. de 2007.

POMPEU, Renato. **Mulher e trabalho**. In: Coleção caderno EJA Mulher e Trabalho, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/08_cd_al.pdf>. Acesso em: dez. 2012. Acesso em: jun. 2013.

PROBST, Renata E. **A evolução da mulher no mercado de trabalho**. Instituto Catarinense de Pós-Graduação, 2005. Disponível em: <<http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev02-05.pdf>>. Acesso em: Abr.2013.

RAIS. **Insper: Número de Empregados Formais**. Disponível em: <http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged_isper/index.php>. Acesso em: Abr.2013.

RESCHKE, C. et al. **Elas vão fazer a nova revolução do trabalho?**. Você S/A. 179 ed. Abr. 2013.

ROUSSEFF, Dilma. In. CHERON BRASIL. **Mulheres de energia o Investimento Social da Cheron no Brasil**. Disponível em: <http://www.chevron.com.br/noticias/images/f1a13d9e86784f499ec73b7e1509b6ba/Boas%20Praticas_CHEVRON.pdf> Acesso em abr. 2013.

SEN, Amartya K. **Desenvolvimento como liberdade**. Tradução Laura Texeira Motta; revisão técnica Ricardo Doniselli Mendes. – São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SERPA, Nara, C. **A Inserção e a discriminação da mulher no mercado de trabalho: Questão de gênero**. Fazendo Gênero 9 Diásporas, Diversidades, Deslocamentos 23 a 26 de ago. 2010 Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1265896752_ARQUIVO_A RTIGOREVISAO.pdf>. Acesso em: Abr.2013.

STEIN, Maria de L. T. **Trabalho feminino no setor eletroeletrônico de Curitiba**. In. Dalla Costa, Armando João (org.). Estratégia de desenvolvimento urbano e regional./ Armando João Dalla Costa e Márcia Elisa de Campos Graf. (orgs.) Curitiba: Juaruá, 2004.

TRENNEPOHL, Dílson. **A SLC no Contexto da História de Horizontina**. Ijuí: Imprensa Unijuí Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, 1995.

VAZ, Caroline F. M.; LAIMER, Rosane T. **A inserção da mulher no mercado de trabalho e o surgimento da profissão secretária**. Disponível em: <<http://www.upf.br/seer/index.php/ser/article/view/1783>>. Acesso em: abr. 2013.